Silva, Daniel F. *Anti-empire: Decolonial interventions in Lusophone literatures*. Liverpool: Liverpool University Press, 2018. Pg. 319.

A partir das pesquisas de Anibal Quijano e sob a chave analítica da “colonialidade do poder”, surgem no final da década de 1990 os estudos decoloniais como um conjunto heterogêneo de contribuições teóricas, revisões historiográficas e estudos de caso que buscam articular uma posição crítica especificamente latino-americana contra a concentração de poder político, econômico e epistemológico construído a partir da matriz colonial. Com base a este corpo teórico, Daniel F. Silva dialoga com um conjunto de obras pós-coloniais – no sentido temporal mas também no questionamento dos fundamentos discursivos derivados da experiência colonial – escritas ao longo do século XX no contexto cultural lusófono. O capítulo introdutório aponta um objetivo disciplinar duplo: por um lado, examinar como o poder imperial português articula categorias raciais, sexuais, religiosas e econômicas subalternas através de uma historiografia cujo fim último é a autolegitimação; por outro lado, analisar exemplos de resistência em literatura ou do que considera “poéticas pós-coloniais” que problematizam à ordem de poder instaurada pela colonização portuguesa (2).

De acordo com o autor, o elemento central que justifica a inclusão dos textos que conformam este mapeamento *não exaustivo* dividido em oito capítulos é, em primeiro lugar, o questionamento dos fundamentos discursivos que reforçam a noção de império e, em segundo lugar, o compromisso por reivindicar vozes subalternas silenciadas e marginalizadas (21). Desse modo, este volume pode ser lido como um conjunto diverso de experiências do império que exploram, entre outras, a complexa posição do colonizador que condena enquanto vítima do projeto colonial – Lobo Antunes e Isabela Figueiredo –, vozes atuais da diáspora africana – Fernando Sylvan – e deslocamentos derivados de conflitos armados – Olinda Beja–. Dito de outro modo, existe em todas as obras uma pulsão por imaginar modos de produção de significado – epistemologias alternativas sobre o tempo, o espaço, os corpos e os objetos – ancoradas em experiências de exilio, diáspora, colonização e consumo da outredade,

Esta resenha centra-se nos dois primeiros capítulos do volume que propõem um diálogo crítico entre o movimento antropofágico e conceitos e marcos teóricos próprios dos estudos decoloniais e pós-coloniais. O primeiro capítulo, “Decolonizing Consumption and Postcoloniality: A Theory of Allegory in Oswald de Andrade’s Antropofagia,” apresenta a “alegoria do consumo” [allegory of consumption] como chave analítica para abordar dois textos centrais: o “Manifesto antropófago” (1928) e o livro de poemas *Pau-Brasil* (1925). A alegoria é entendida no sentido benjaminiano como uma “arte do fragmento” que corresponde a uma “percepção do mundo em ruinas”. As secções “História do Brasil” e “Poemas da colonização” passam a ilustrar os mecanismos de consumo antropofágico a partir dos quais parodiar e exibir a falsa totalidade na que se erigem as narrativas históricas. Silva aponta a repetição e a cópia de subjetivações perpetuadas pelo império como elementos que desestabilizam a unidade e coerência na cadeia de significação que envolve o símbolo de nação (48-54).

O segundo capítulo, “Mário de Andrade’s Antropofagia and Macunaíma as Anti-Imperial Scene of Writing”, aprofunda na questão da alegoria antropofágica a partir de, provavelmente, dois dos fragmentos mais paradigmáticos da obra. O primeiro, a cena de transformação na que Macunaíma se banha em uma água mágica e sua pele se torna branca. De acordo com Silva, esta transformação do herói sem caráter responde a uma viagem pela historização do Brasil que revela o lugar ontológico de desigualdade do que partem narrativas pós-coloniais das três raças (72). Ao condensar os marcadores raciais do império no protagonista – preguiça, hipersexualidade e imoralidade–, Mário de Andrade direciona esta crítica também contra os seus contemporâneos modernistas que teriam contribuído a reproduzir as fantasias de outredade herdadas. A segunda parte da análise centra-se no conhecido capítulo de *Macunaíma* “Carta pras Icamiabas” para situar um ato de escrita decolonial que parte da parodia do logocentrismo – e da produção linguística burguesa – para acabar privilegiando um fonocentrismo pós-colonial (86).

*Anti-empire: Decolonial interventions in Lusophone literatures* é provavelmente um dos primeiros estudos que, de maneira abrangente e não comparativa, apresenta um *corpus* literário de natureza e percorrido crítico diverso com o objetivo de implodir os princípios narrativos que conformam a ideia de império. De conformidade com a tendência interdisciplinar cada vez mais comum nos estudos literários e culturais que buscam quebrar com limitações metodológicas, Daniel F. Silva propõe um diálogo que ultrapassa fronteiras nacionais, temporais, linguísticas e de gêneros literários. Um dos pontos fortes desta ambiciosa abordagem é que convence na defesa que faz do potencial crítico que estes textos escritos em português apresentam para o campo teórico dos estudos pós-coloniais e decoloniais.

O primeiro e segundo capítulos dedicados ao movimento antropofágico destacam pelo rigoroso trabalho de síntese e clareza na hora de situar as obras analisadas dentro do universo crítico que envolve o modernismo brasileiro. Porém, na tentativa de aproximar os escritos de Oswald e Mário de Andrade à teoria crítica decolonial, a análise textual fica ensombrecida por uma terminologia especializada que sufoca os matizes e originalidade no desdobramento de ideias e ignora por completo a experiência estética. Embora Silva propõe conceitos e mecanismos discursivos que permitem explicar o potencial antropofágico sob o marco teórico dos estudos decoloniais, não chega a explicar a maneira em que estes textos podem contribuir ao desenvolvimento teórico da colonialidade do poder. Em razão disso, podemos finalizar dizendo que, mesmo se as conclusões gerais são ainda tímidas, Silva certamente empreende um caminho com interessantes possibilidades interpretativas que, aliás, promete um maior destaque para obras e locais de escrita afro-luso-brasileiros em contextos críticos globais.